

Mário Jorge Lima

O Natal, todos sabemos, é considerado como sendo a festa máxima da cristandade. Ele relembra e celebra – ou pelo menos deveria – a providência definitiva e graciosa de um Deus amoroso, que de forma absolutamente incompreensível para a mente humana, adquiriu uma segunda natureza e veio a esse mundo para assim conviver e interagir com os seres criados, e não somente isso, mas também para morrer por eles.

É interessante notar que a maior festa da cristandade relembra um fato que - todos os estudiosos, teólogos e historiadores concordam - não aconteceu nesta data, nem mesmo nesta época do ano. Muito provavelmente teria sido em algum dia dos meses de setembro ou outubro. Além disso, seus símbolos principais, como a árvore, o papai-noel, o pinheirinho, as guirlandas, diversos dos alimentos, etc., remontam a festividades e tradições pagãs, isto é, de povos que praticavam a idolatria politeísta.

Mas nada impediu que, ao longo dos séculos, a igreja cristã viesse a estabelecer o dia 25 de Dezembro como sendo o dia do nascimento do Salvador, e se enteneça com os detalhes da história dessa concepção sobrenatural de Cristo Jesus, e o significado espiritual disso para o homem, apesar do desconforto que essa festividade, com seus símbolos tradicionais controversos, causa nos cristãos mais preocupados com os aspectos complicados citados acima.

Temos visto também que o Natal, pela proximidade com o Ano Novo, incorporou-se definitivamente às comemorações de fim-de-ano, confundindo-se com esta outra festa, desaguando assim, em reuniões, almoços, jantares, bem como no lado comercial da troca de presentes que cerca ambas as festas. E embora seja uma data cristã, o Natal, pelo que contém de euforia, descontração e confraternização, acaba tendo influência sobre as pessoas de qualquer crença e até mesmo sem crença alguma.

Nessa época convém lembrar um elemento muito desejado e propício que é o famigerado *espírito do Natal*, o qual deveria estar presente em todos os encontros, em todas as reuniões, em todos os momentos de família, em todo contato pessoal ao longo do mês de Dezembro, definido como mês do Natal. Esse elemento, esse estado de espírito, essa coisa terna e misteriosa deveria permear todas as conversas, todos os relacionamentos e tornar cada momento de Dezembro, mágico e maravilhoso. Deveria.

Um andarilho saiu certa noite de Natal à procura do *espírito do Natal*. Pensava encontra-lo em cada esquina, em cada casa, atraindo e aproximando as pessoas. Procurou-o primeiramente nas igrejas – claro, talvez o lugar mais provável para achá-lo - e foi naquelas que realizavam cultos e entoavam lindos cânticos natalinos. Tinha certeza de que iria encontra-lo, mas não conseguiu vê-lo sequer. Alguém lhe disse que o *espírito do Natal* tinha passado por ali rapidamente, mas já se fora.

Procurou-o em diversas casas onde ceias maravilhosas estavam preparadas sobre mesas lindamente ornamentadas, ao lado de pinheirinhos carregados de presentes coloridos. Também não viu em nenhuma delas o *espírito do Natal*. Disseram-lhe que ele havia sido convidado, mas não tinha chegado ainda. Não sabiam se ele viria.

Dali saiu e viu salões iluminados onde empresas e grandes corporações tinham reunido funcionários e suas famílias para suntuosas ceias de Natal, com muitos garçons servindo e música que não

parecia ser de Natal. Certo de que o encontraria ali, o andarilho aproximou-se animado, mas ninguém ali tinha ouvido falar no *espírito do Natal*.

Já cansado, dirigiu-se a diversos clubes e mansões em que a festa já corria solta. Em alguns desses lugares havia música de orquestras extraordinárias, e em outras um batuque popular forte e ritmado com cantores interpretando músicas estranhas para a ocasião. Entrou em vários desses ambientes, viu comida e bebida fartas, pessoas extremamente alegres, talvez até demais da conta, mas ninguém sequer lhe deu atenção quando perguntou pelo *espírito do Natal*.

Desanimado e triste o andarilho foi a muitos outros lugares, onde havia movimento, gente bonita e bem arrumada, pessoas carregadas de bolsas e lindos pacotes, abraçando-se e rindo alto, e em nenhum deles viu o menor indício da passagem do *espírito do Natal*, se é que este de fato existia.

Ele então desistiu da sua busca, já estava com os pés doloridos, além dos ouvidos zumbindo e os olhos ardendo, e a noite ia alta. Tirou os sapatos, abriu a camisa, a noite estava quente, era um país tropical. O céu limpo, sem nuvens, estava coalhado de estrelas amarelinhas. Uma brisa suave acariciou seu rosto e cabelos. Sem sentir, foi afastando-se do burburinho, das luzes, do movimento incessante e das buzinas nervosas dos carros.

Quando se deu conta estava na periferia daquela cidade. O local era feio, sem beleza natural, sem muita iluminação. As ruas sem calçamento e alguns locais malcheirosos. Viu pessoas a quem a vida, sabe-se lá o porquê, parecia ter negado o conforto, a beleza e a fartura. Aproximou-se delas, curioso e apreensivo. As moradias naquela área eram menos que simples, eram sofríveis. Notou que, estranhamente, elas não estavam tristes, eram até bem alegres e simpáticas. Foi convidado a aproximar-se de um grupo e ficar com eles.

Sentou-se no chão e logo lhe ofereceram pão comum, vinho barato e sorrisos amistosos. Havia crianças, com roupas velhas, porém limpas, que se aproximaram dele e lhe pediram que contasse uma história. Todas tinham algum brinquedo, uma bola murcha, uma boneca sem braços, um carrinho de plástico sem uma das rodas. Viu alguém que parecia doente, muito doente, mas havia pessoas ao seu lado, solícitas e atentas. Outro bebera além da conta, mas havia gente ajudando-o e confortando-o. Ouviu, vindo dos fundos, o som de um velho hino natalino, cantado por algumas vozes desafinadas. E num cantinho, em cima de uma cadeira sem encosto, um pequeno presépio feito de cortiça e panos de pratos remendados.

O andarilho sentiu-se bem, incrivelmente bem, sentiu-se pleno, feliz, incluído entre aquela gente, que sequer lhe perguntou o nome, quem era, o que fazia, de onde viera. Mas parecia que o conheciam há muito tempo, tal era o modo fraterno como o tratavam. Aquele foi o único lugar que ele visitou sem perguntar pelo *espírito do Natal*. Não precisava, finalmente o encontrara, podia senti-lo no ar, nas pessoas, em tudo ao redor. Sentado no chão, ao ar livre, sem camisa e rodeado por crianças, ficou até bem tarde, contando estrelas com elas, falando-lhes dos seus sonhos e de como estava feliz.

Antes que alguém pense que estou associando a existência do *espírito do Natal* à falta de recursos e à pobreza, e da mesma forma dissociando-o da fartura e da euforia, não estou. Esse pequeno conto, da forma como o imaginei, apenas quer chamar a atenção para o fato de que o verdadeiro *espírito do Natal*, - bem como de quaisquer outras festas que estimulem fraternidade em outros credos e filosofias, e mesmo sem ser religiosas - só faz sentido se vivenciado em função do significado real dessas festividades, se dirigido às pessoas, à atenção e ao cuidado para com o nosso próximo, notadamente aqueles que não têm quem olhe por eles ou deles cuide.

Como cristão, associo a história do Natal a um plano espiritual, divino, para restaurar o ser humano ao seu projeto original e reconciliar cada um com seu próximo e todos com Deus. Ele lembra um Deus homem, um Deus menino, um Deus Salvador. Só assim ele faz sentido pra mim.

Se você tem outras crenças, ou não tem crença nenhuma, e o Natal cristão nada lhe diz no campo espiritual, saiba que lhe desejo um bom tempo, bons momentos de alegria e fraternidade com sua família, seus amigos, com pessoas desconhecidas, já que tantas há por aí, desassistidas e solitárias.

Finalizando, deixo pra você um pequeno poema que fiz há mais de 30 anos, que virou comercial de TV e depois, com o título mudado para “É preciso simplesmente amar”, virou hino cantado em igrejas cristãs.

NATAL É SIMPLEMENTE AMAR

Nesse tempo em que o tempo passa em nossa vida,
E as pessoas sem ter tempo
Passam sem ficar,
Ficam sem falar,
Falam sem dizer,
Dizem sem pensar,
Tudo em volta velozmente é uma corrida,
E quem corre não tem tempo
Para compreender,
Para ver você,
Para acontecer,
Para não correr.
Mas, ainda é tempo para perceber
Coisas simples e bonitas como amar e ajudar.
Esse novo tempo pode ser pra já,
Basta apenas que você queira começar,
Pois, Natal é simplesmente amar!

Para conhecer a música, veja esse vídeo:

<http://www.youtube.com/watch?v=mrv4kdjwzeI>